

DO OLHAR DO OUTRO À SUBLIMAÇÃO DE SE CONSTITUIR NEGRO

DE LA MIRADA DEL OTRO A LA SUBLIMACIÓN DE CONSTITUIRSE NEGRO

FROM THE GAZE OF THE OTHER TO THE SUBLIMATION OF CONSTITUTING ONESELF AS BLACK

Resenha realizada por Thaís Rosse
Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro
ORCID: 0009-0006-9628-1880
Correio eletrônico: thaisrosse@yahoo.com

Data de Recebimento: 30-04-2025
Data de Aceitação: 08-05-2025

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article
Rosse T. (2025) DO OLHAR DO OUTRO À SUBLIMAÇÃO DE SE CONSTITUIR NEGRO
Intercambio Psicoanalítico 16 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/16.1.18
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

DO OLHAR DO OUTRO À SUBLIMAÇÃO DE SE CONSTITUIR NEGRO

Resenha realizada por
Thaís Rosse¹

¹Aluna em formação em psicanálise no CPRJ. Analista de Investimento Social. LL.M em Direito Tributário pela IBMEC-RJ e Especialista em Diversidade nas Organizações. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

AUTORA: Nogueira, Isildinha Baptista;
Do Olhar do Outro à Sublimação de se Constituir Negro, p. 362-374. In:
I Simpósio Bienal SBPSP – O Mesmo, O Outro.
São Paulo: Blucher, 2019.
ISSN 2359-2990, DOI 10.5151/isbsbsp-52

Desde criança eu sentia preconceito de cor. Queria o Curso de Sociologia para me proteger do preconceito. (...) eu fui para a Escola de Sociologia porque eu tinha sofrimento, tinha dor e eu queria saber o que me causava tanto sofrimento. E eu colocava que eram condições exteriores a mim. Então eu pensei que a sociologia iria me esclarecer sobre os motivos do meu sofrimento [...] e estando no curso, eu estava no segundo ano, pela primeira vez em minha vida eu ouvi falar de Freud, em sublimação e fatores internos. Então eu disse, não é sociologia que eu tenho que estudar, eu tenho que estudar é psicanálise e Freud (Bicudo, 1994, conforme citado em Gómez, 2013).

Isildinha Baptista Nogueira é psicanalista, mestre em Psicologia Social pela PUC-SP e doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP. Fez sua formação nos Ateliers de Psychanalyse, em Paris, com Radmila Zygouris (uma das fundadoras da instituição). Isildinha, em seu artigo – trabalho que foi apresentado no Fórum violência e alteridade no I Simpósio Bienal O mesmo, o outro: Psicanálise em movimento da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo – nos convida a uma reflexão sobre a constituição do negro a partir do olhar do outro. “Se o que constitui o sujeito é o olhar do outro, como fica o negro que se confronta com esse olhar, que mostra reconhecer nele o significado que a pele negra traz, enquanto significante?” (Nogueira, 2019) Visto que só existimos como sujeitos em relação a um outro, em relação à alteridade, como se vê o sujeito negro que vê no olhar do outro o estereótipo a ele atribuído? E como não fazer desse estereótipo uma realidade psicológica?

Virginia Bicudo, foi uma socióloga e psicanalista brasileira, a primeira não médica a ser reconhecida como psicanalista, tornando-se essencial para construção e institucionalização da psicanálise no Brasil. A citação de Virginia, no início deste texto está presente também no artigo de Isildinha. Quando Virgínia menciona que procurou o curso de sociologia, e posteriormente os estudos de psicanálise, para se proteger do preconceito, do que será que ela fala? Será que falava dos olhares que insistiam em classificá-la até ali?



A investigação sobre como o corpo é representado socialmente permite compreender a estrutura de uma sociedade. A sociedade valoriza um conjunto específico de características e atributos que um indivíduo deve possuir, sejam eles morais, intelectuais ou físicos. Esses atributos são, em geral, comuns a toda a sociedade, embora possam variar ligeiramente entre diferentes grupos, classes ou categorias que compõem a sociedade. Assim, as características físicas de uma pessoa negra, especialmente a cor da pele, mostram como essas características foram historicamente associadas a qualidades morais e intelectuais.

Em algumas entrevistas Isildinha fala sobre o episódio em que, tendo mudado de consultório, foi a uma loja de móveis comprar novas poltronas. Ao entrar na loja, havia um casal de clientes que, percebendo sua aproximação, cochichou entre si; após isso o homem, que ela supôs ser o marido, recolheu a bolsa e a segurou firme junto ao corpo, enquanto o vendedor da loja se dirigiu a Isildinha e perguntou em tom rude o que ela queria ali. Nesse momento Isildinha diz ter percebido que, aos olhos daquele vendedor, ela não era a psicanalista, doutora, professora da USP; ali ela era tampouco Isildinha. Naquele momento, aos olhos daquele vendedor ela não era nada nem ninguém, não era uma pessoa. NA PUC, na USP, ou entre os psicanalistas conhecidos ela sabia quem era, mas ali não.

Ser negra era algo a mais a ser somado ao seu currículo. Esse currículo que não guarda apenas feitos profissionais e acadêmicos, mas que marca uma soma de valores que a sociedade vê com bons olhos. Em outra situação Isildinha foi impedida de acessar o estacionamento de professores em uma instituição onde participaria como convidada de uma banca. O funcionário disse que ela não poderia estacionar ali, que era exclusivo para professores, sem nem sequer perguntar quem ela era, presumindo que uma mulher negra não seria uma professora. Mais uma vez ela não era ninguém diante daquele olhar.

Em ainda outra situação Isildinha dirigia seu carro zero quando foi parada pela polícia. Entregou os documentos do carro que estavam em nome dela e sua habilitação com foto, como solicitado. Após olhar os documentos o policial perguntou se o carro era dela, o que a deixou confusa já que ele tinha em mãos todos os documentos que comprovavam isso. Então ela entendeu que a pergunta real era como ela, uma mulher negra, poderia ter um carro daqueles. Ao olhar daquele policial ela não era um corpo compatível com aquele carro.

Quem era a Isildinha, mulher negra, nos lugares aonde o currículo não chegava antes dela? Quem são os negros sem portar seus “currículos”? Que olhar é colocado sobre eles?

Virginia Bicudo, em seu tempo, não teve escuta à sua fala sobre questões raciais. Seus pares não acharam relevante ou real a temática que ela trazia. Ela defendeu o que hoje chamamos de sua dissertação de Mestrado, intitulada Estudos de Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo. Seu trabalho buscava entender as relações sociais sob a influência do racismo. Em 1945, sua tese foi muito criticada porque a Academia, na época, acreditava que não havia preconceito racial; ela foi acusada de não esclarecer suficientemente o preconceito de cor e a discriminação. Foi silenciada.

Imagino que ela tinha muitos exemplos práticos para trazer esse esclarecimento, Isildinha nos contou alguns dos seus, todos nós negros temos os nossos.

Mas e hoje? “Será que vão nos enxergar como semelhantes e não como uma excepcionalidade, uma exceção, uma curiosidade?” Nogueira 2019). Qué olhar está posto em nós?

Referências bibliográficas

GOMES, Janaina Damaceno. Os Segredos de Virgínia: estudos de atitudes raciais em São Paulo. (1945-1955). São Paulo, 2013:49.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. (1998:40). Significações do Corpo Negro. Doutorado em Psicologia. Universidade de São Paulo.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista (2019) Do Olhar do Outro à Sublimação de se Constituir Negro”, p. 362-374. In: I Simpósio Bienal SBPSP – O Mesmo, O Outro. São Paulo: Blucher. ISSN 2359-2990, DOI 10.5151/isbsbpsp-52

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. (2021). A cor do inconsciente: significações do corpo negro. Editora Perspectiva.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista (2022). Psicanalistas Que Falam: Episódio #9 Isildinha Baptista Nogueira. YouTube, 10 de setembro de 2022. Min. 30:10.

<https://www.youtube.com/watch?v=bCJgctJJetA>

NOGUEIRA, Isildinha Baptista (2021) Conversa com Isildinha Nogueira - 17/06/2021. Canal de vídeos SBPRJ YouTube, 17 de junho de 2021. Min. 49:40. <https://www.youtube.com/watch?v=6tGi7vbqC9E&t=1188s>